

**N 250**

# **250 anos** **da Imprensa Nacional** **Uma breve história**

**Maria Inês Queiroz**  
**Inês José**  
**Diogo Ferreira**

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

© **N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

250 anos da Imprensa Nacional - Uma Breve História

Coordenação científica

Maria Inês Queiroz

Pesquisa

Diogo Ferreira, Inês José, Tiago Mendes

Paginação

Nuno Silva/INCM

Abril 2020

[www.incm.pt](http://www.incm.pt) · [prelo.incm.pt](http://prelo.incm.pt) · [facebook.com/incm.livros](https://facebook.com/incm.livros) · [editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

Imprensa Nacional é a marca editorial da · Imprensa Nacional is the editorial brand from **INCM**

Esta edição, em formato exclusivamente digital, constituída por 10 pequenos volumes, é uma breve síntese adaptada a partir da obra *Indústria, Arte e Letras. 250 anos da Imprensa Nacional*, da autoria de Maria Inês Queiroz, Inês José e Diogo Ferreira, publicada pela Imprensa Nacional em 2019, com *design* da fba.

## VOLUME 04 |

### ENTRE IDEIAS DE PROGRESSO

### E SINAIS DE ALARME

A partir da década de 1860, a Imprensa Nacional encontrava-se num patamar de igualdade em relação às suas congéneres europeias, respondendo a encomendas públicas e privadas, diversificando a oferta de tipos da sua Fundação e assegurando a impressão do Jornal Oficial e dos debates parlamentares. A formalização das escolas e a especialização técnica e artística refletiam-se agora na qualidade das obras produzidas e nos sucessivos prémios obtidos em exposições internacionais, como se confirmou pela medalha de ouro obtida na Exposição Universal de Paris em 1867.

No último quartel do século XIX, a crise financeira, associada à crise da própria monarquia, deixou os seus reflexos na Imprensa Nacional, que se debateu com dívidas crescentes e algumas tensões internas. Manteve, no entanto, a qualidade artística e a competência técnica, agora praticadas num moderno edifício industrial.



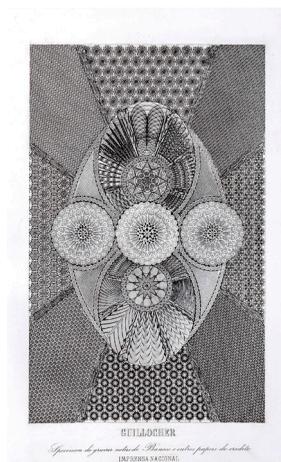
Diploma de atribuição da medalha de ouro à Imprensa Nacional de Lisboa, na Exposição Universal de Paris, em 21 de outubro de 1878. Fotografia de Nuno Silva (INCM). Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

## EXPOSIÇÕES INTERNACIONAIS E UNIVERSAIS

Foi esta Imprensa Nacional estruturada e tecnologicamente desenvolvida que marcou presença nas grandes exposições a partir da década de 1860, alinhada com o esforço de representação internacional do País e de abertura ao progresso científico e tecnológico mundial. A estreia fez-se na Exposição Internacional de Londres, em 1862, onde recebeu a medalha de honra, seguindo-se, em 1865, a participação na Exposição Internacional Portuguesa, no Porto, onde obteve a medalha de ouro pelo conjunto de trabalhos e produtos e a medalha de cobre pela fundição de tipos.

A comissão portuguesa enviada pelo governo à Exposição Internacional de Londres de 1862 integrou José Maurício Veloso, que alguns anos antes tinha estagiado na Imprensa Imperial, em Paris. Nesta altura, foram expostos materiais e trabalhos da Tipografia, da Fundição de Tipos, da Litografia e da Fábrica de Cartas, incluindo uma tipografia portátil construída para serviço do Ministério da Guerra, diversas amostras de tipos, acompanhadas por alguns ensaios de estereotipagem e galvanoplastia, a par de trabalhos tipográficos e litográficos. Alguns dos produtos apresentados resultavam de processos de inovação e transferência de tecnologia, como os instrumentos de trabalho tipográfico e de fundição de tipos, até então importados, agora adaptados e fabricados na Imprensa Nacional. Entre eles encontravam-se caixas de composição, de versaletes e de numeração, galés e galeões, uma régua de compositor graduada, um molde de fundir tipos e um tipómetro. Era também o caso das ponturas graduadas, desenvolvidas por José Maurício Veloso para colmatar uma lacuna no processo de registo na impressão em prelos manuais, até então feito sem nenhum método ou sistema.

Entretanto, em 1863 chegou à Imprensa Nacional o artista austríaco Joseph Leipold, contratado para assumir a oficina e o ensino de gravura, cumprindo a velha ambição de Firmo Marecos de instalar uma oficina de gravura completa. Leipold terá também sido o introdutor, no nosso país, do ensino da galvanoplastia e das máquinas de guilhochar (para decoração com ornatos entrelaçados). Cinco anos mais tarde, a Imprensa Nacional marcou presença na Exposição Universal de Paris, conquistando a medalha de ouro e consolidando o crescente reconhecimento internacional. As oficinas integravam então três salas de composição, uma sala da impressão manual, as salas dos prelos mecânicos e do motor a vapor, os depósitos de material, as escolas de impressão e de composição, as Oficinas de Acetinagem e Calandragem, as Oficinas de Encadernação e Brochura, os gabinetes dos revisores e outras dependências necessárias ao serviço



Prova de *guilloché*, técnica de gravação mecânica decorativa composta por padrões entrançados, feita na Imprensa Nacional [década de 1870]. Espécime destinado à gravação de notas bancárias e documentos de crédito. Fotografia de Nuno Silva (INCM). Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.



Prova de ilustração, de 1861, com representações de Luís Vaz de Camões, do Marquês de Pombal, de Alexandre Herculano e de Vasco da Gama. Trabalho possivelmente apresentado na Exposição Internacional de Londres de 1862. Desenho e pintura de Nogueira da Silva, que nesta altura era um dos principais ilustradores do *Arquivo Pittoresco*. Fotografia de Nuno Silva (INCM). Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

O equipamento utilizado era, em grande parte, de origem francesa, compreendendo seis prelos manuais de modelo *Stanhope*, construídos em Lisboa, quatro prelos ingleses, oito prelos franceses, um prelo de modelo *Albion*, fabricado no Porto, dois prelos colombianos (de Gaveaux), seis prelos mecânicos franceses e ainda um prelo *scandinavo*, da britânica *Hopkinson & Cope*. A Oficina Tipográfica também dispunha de 4 máquinas de tirar provas de sistema *Dupont*, três das quais construídas por António Faustino de Castro, além do equipamento de preparação de filetes, de cortar papel e moer tinta. A Fundição de Tipos, que acolhia já a gravura e galvanoplastia, a fundição e estereotipia, além da oficina anexa de serralharia para a construção de máquinas e utensílios, ultrapassava agora os 60 operários (em 1840 eram apenas 12), um número já muito significativo tendo em conta as condições em que tinha trabalhado no passado. As missões de especialização também prosseguiram, permitindo dar continuidade ao processo de modernização de oficinas nos mercados alemão e francês.

## DIÁRIO DO GOVERNO

Entre as principais conquistas deste período de consolidação institucional destacou-se ainda a colocação definitiva do Jornal Oficial sob responsabilidade da Imprensa Nacional, garantindo receitas fixas e reconhecendo a sua missão perante o Estado. Por Decreto, de 11 de dezembro de 1868, o *Diário de Lisboa* mudou de designação para *Diário do Governo*, tendo «por fim publicar as leis, atos e documentos oficiais», podendo conter uma secção para anúncios de interesse particular. Com a extinção da repartição do *Diário de Lisboa*, então mantida externamente, a direção do Jornal Oficial foi transferida para a Imprensa Nacional.

Cabeçalho do *Diário do Governo* [segunda metade do século xx]. Fotografia de Nuno Silva (INCM). Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.



A decisão decorreu da necessidade de reduzir encargos com o *Diário*, ao qual vinha crescendo um número elevado de páginas, cessando a publicação dos boletins dos ministérios, da coleção dos relatórios dos governadores civis, da coleção de consulta das juntas gerais do distrito e da relação nominal dos empregados do Estado, passando a imprimir-se em separado os documentos mais importantes e volumosos. A composição tipográfica do *Diário do Governo* passou também a utilizar-se para a impressão das coleções de ordens do Exército e da Armada ou outros documentos considerados de utilidade pública.

Edição em miniatura de *A Nobre Desaffronta da Honra e Dignidade da Nação Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1883. O livro menor, aberto, não ultrapassa 5cm de largura. Fotografia de Nuno Silva (INCM). Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.



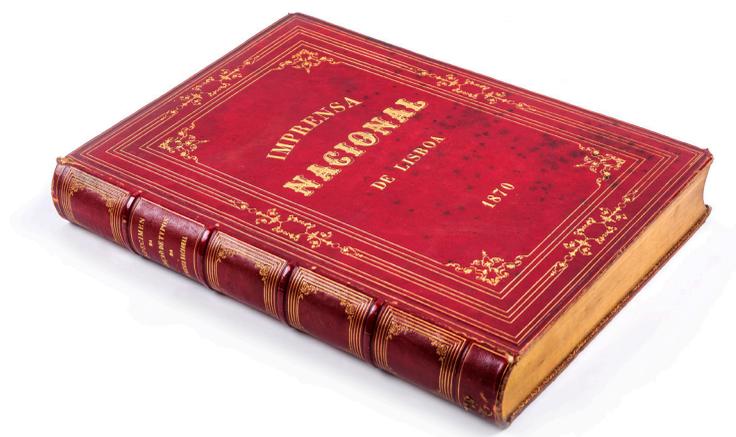
Ainda no final de dezembro de 1868, o administrador procurou assegurar a disponibilidade de uma loja pertencente à Secretaria de Estado dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça, situada na Rua do Ouro, para organizar a venda do Jornal Oficial. Com a entrada em vigor do decreto, em janeiro de 1869, e a redução do número de páginas do *Diário*, foram também asseguradas poupanças importantes na compra de papel.



Cunho de aço da Imprensa Nacional, contendo a inscrição «Ciências e Artes» [século XIX]. Fotografia de Nuno Silva (INCM). Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

## NOVA ADMINISTRAÇÃO

No final dos anos 1860, nada parecia faltar para que a Imprensa Nacional assegurasse a primeira posição entre as tipografias do país. A fundição de tipos prosperava, acrescentando novidades no catálogo de 1870, com 192 páginas de novos tipos e ornatos, incluindo mais de mil variedades de vinhetas, cantos e ornatos. Mantinha-se também a representação nas exposições internacionais e universais, como a Exposição Universal de Viena em 1873, onde foi premiada com a medalha de progresso, e a Exposição Universal de Filadélfia, em 1876, onde recebeu o diploma de honra.



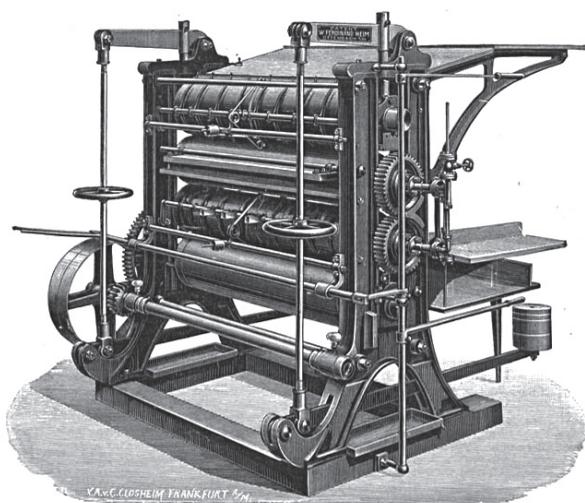
Edição de 1870 do catálogo da fundição de tipos da Imprensa Nacional. Fotografia de Nuno Silva (INCM). Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

O dinamismo de Firmo Marecos manifestou-se até ao limite da sua administração, marcada pela modernização, obras de ampliação do edifício, reparação de oficinas e reformas dos serviços. Após a sua morte, em dezembro de 1877, e passado um período de transição, a administração da Imprensa Nacional foi assumida por Venâncio Augusto Deslandes, em 26 de janeiro de 1878. O novo administrador era bacharel em Medicina e descendente dos impressores João da Costa e Miguel Deslandes, estabelecidos em Lisboa em meados do século XVII. Na verdade, já não beneficiava do mesmo otimismo regenerador — esbatido a partir da Janeirinha, em 1868, e depois pela tomada do poder pelo Partido Reformista — nem do contexto político e financeiro que tinha permitido a Firmo Marecos empreender a principal reforma. Por outro lado, o novo administrador parece ter ficado associado a ausências constantes — embora em comissões de estudo no estrangeiro —, deixando a direção efetiva nas mãos do escriturário Francisco de Almeida Pereira e Sousa. Mas, entre resistências e dificuldades conjunturais, este período de administração foi importante na definição de medidas determinantes para o futuro da tipografia do Estado, como a publicação do primeiro regulamento geral, a introdução da eletricidade ou mesmo a reconstrução do edifício.

Do ponto de vista material, impunham-se algumas mudanças, começando pela renovação do motor a vapor que, com 33 anos de vida, já não permitia dar resposta à regularidade do serviço. No mesmo sentido, impunha-se a substituição de um dos prelos mecânicos, para tiragens de grande luxo e obras ilustradas, bem como a compra de novo equipamento para calandragem e acetinagem de papel, de modo a reduzir os custos de trabalho. Eram também necessárias novas máquinas de fundição para aumentar os meios de produção de tipos e a melhoria da estereotipia e processos correlativos. Na Oficina Litográfica as prensas deviam ser substituídas por um prelo mecânico destinado a trabalhos com cor, nomeadamente cartas e plantas geográficas e corográficas.



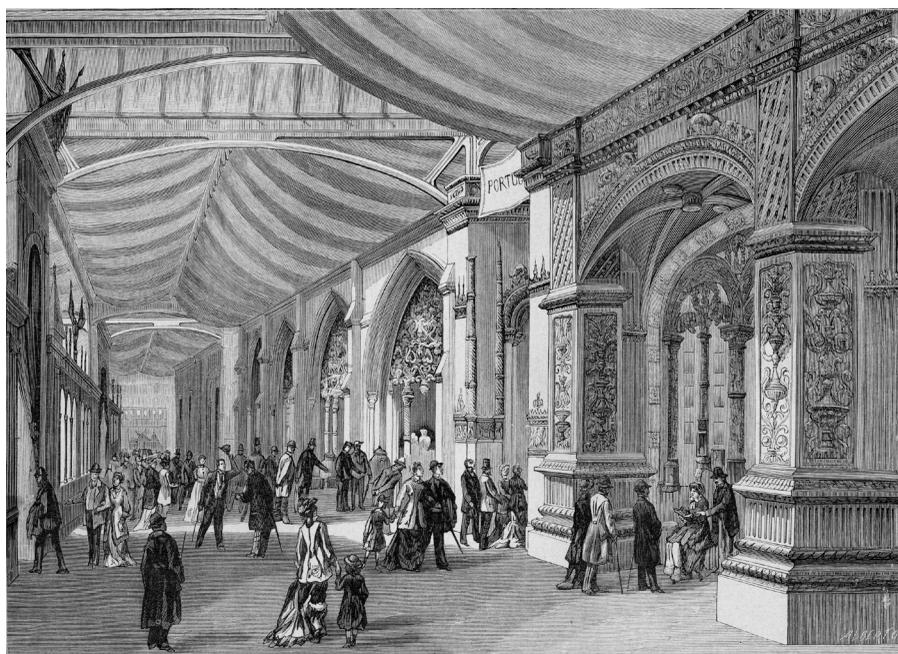
Retrato de Venâncio Deslandes.  
Gravura de G. Frank, 1905. Coleção  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda.



Calandra de fabrico alemão, de quatro cilindros, semelhante à adquirida pela Imprensa Nacional no final da década de 1880. Este equipamento, destinado a acabamento, permitia acetinar entre 1100 e 1600 folhas de papel por hora. *A Imprensa*, n.º 39/40, 1888, p. 121.

Entretanto, a participação na Exposição Universal de Paris de 1878, que valeu à Imprensa Nacional outra medalha de ouro, foi marcada pela apresentação de novos trabalhos tipográficos, entre os quais a nova edição do *Breviário Romano*, litográficos e da sua fundição de tipos. O evento permitiu ainda comprar um novo prelo mecânico *Alauzet*, de dois cilindros, para obras diversificadas e ilustradas, um prelo mecânico *Marinoni*, que permitia tiragens de 4000 exemplares por hora, para impressão atempada do *Diário do Governo* e das sessões das Câmaras, um novo motor a vapor de 12 cavalos e equipamento litográfico. A Imprensa Nacional conquistaria mais uma medalha de ouro no ano seguinte, desta vez na Exposição Portuguesa do Rio de Janeiro. Alguns dos seus trabalhos, entre os quais livros, espécimes de tipos e mapas, foram expostos na sala Luís de Camões, onde se destacava o episódio de Inês de Castro, escrito em sete línguas.

Mas as aquisições feitas em 1878 tinham correspondido à última grande renovação em muitas décadas de atividade. Os tempos eram de incerteza.



O interior da galeria portuguesa na Exposição Universal de Paris de 1878, em que a Imprensa Nacional recebeu a medalha de ouro.

*O Occidente: Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, n.º 23, de 1 de dezembro de 1878.

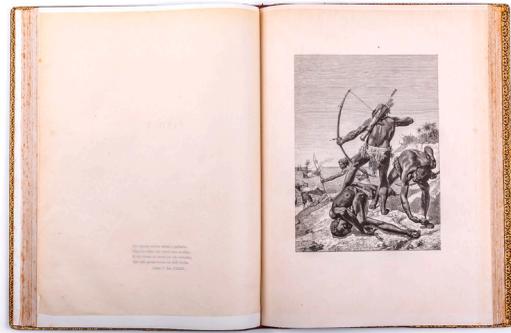
Hemeroteca Municipal de Lisboa.

## MISSÃO CULTURAL NO TRICENTENÁRIO DE CAMÕES

O papel cultural da Imprensa Nacional, associado à sua missão de preservação de clássicos da língua portuguesa, ganhou nova expressão neste final de século. Em 1880, num período já claramente influenciado pela crescente propaganda republicana, sobretudo no contexto das comemorações do tricentenário da morte de Luís de Camões, a Imprensa Nacional associou-se às festividades em Lisboa, fazendo-se representar, com o seu pessoal, no cortejo cívico realizado no dia 10 de junho, entre o Terreiro do Paço e a estátua de homenagem ao poeta.

Além desta participação, a Imprensa procurou ainda associar-se aos festejos com uma série de iniciativas propostas pela administração, nomeadamente a inauguração de um busto de Camões, a oferta de exemplares das suas edições camonianas e a abertura da biblioteca ao operariado e a todos os sócios da Associação Tipográfica Lisbonense.

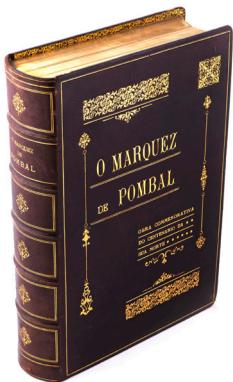
Matriz de xilogravura e respetiva impressão utilizada na edição de 1878 de *Os Lusíadas*. Desenho de Soares dos Reis e gravação de J. Pedrozo. Fotografias de Nuno Silva (INCM). Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.



Entre as várias trocas de obras, o republicano Teófilo Braga ofereceu à Imprensa Nacional um exemplar da *Bibliografia Camoniana* contribuindo para o enriquecimento da sua biblioteca. Aliás, procurando dar uma continuidade aos esforços desenvolvidos por Firmo Marecos, Deslandes retomou os pedidos de integração dos exemplares de obras dos séculos xv e xvi, junto da Biblioteca Nacional de Lisboa, em 1868. Também neste contexto, foram pedidos ao Asilo D. Maria Pia três códices manuscritos, com iluminuras dos séculos xv e xvi, para fins de estudo do operariado gráfico.

No mesmo sentido, a Imprensa Nacional associou-se à evocação do centenário da morte do Marquês de Pombal, em maio de 1882. Reconhecendo em Sebastião José de Carvalho e Melo o fundador da Imprensa Nacional, a administração geral procurou participar ativamente no centenário, programando iniciativas que incluíam a fundição de uma coroa de bronze, o lançamento de uma revista trimestral das artes gráficas, intitulada *Anais da Tipografia Portuguesa*, e a promoção de conferências dominicais dedicadas às artes gráficas.

Nesta fase, a Imprensa Nacional deu também início a novas publicações periódicas, chegando a publicar o seu próprio órgão de imprensa, intitulado *A Imprensa: Revista Científica, Litteraria e Artística*, editada pela Imprensa Nacional, cujo primeiro número foi lançado em 1885. A edição tinha como diretor literário António Maria Afonso Vargas, jornalista e escritor que iniciara a sua prática profissional na tipografia do Estado, sendo editores Brito Nogueira e Dias Coelho, e assumiu um caráter eminentemente socialista, ainda que representando uma corrente conservadora. De conteúdo diversificado, com a publicação de poesia e contos, artigos de crítica literária, textos traduzidos, excertos e publicações de autores nacionais e estrangeiros, primou também pela publicação de vários artigos dedicados a questões científicas e históricas, parte



Obra evocativa do centenário da morte do Marquês de Pombal, publicada pela Imprensa Nacional em 1885. Exemplar levado à Exposição Internacional do Rio de Janeiro e à Exposição Universal e Internacional de Paris, em 1889. Fotografia de Nuno Silva (INCM). Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

deles sobre «assuntos de atualidade relativos a arte, cultura e ciência» e, no plano do desenvolvimento científico e tecnológico, vocacionados para a evolução da imprensa e das artes gráficas.

De salientar ainda — pela sua natureza política — a abordagem a questões sociais, designadamente em torno do trabalho dos menores nas oficinas e do ensino em Portugal, questão que era também central na Imprensa Nacional. O primeiro número foi publicado em outubro de 1885, com periodicidade quinzenal, até 1891, publicando textos de Ramalho Ortigão, João de Deus, Guerra Junqueiro, Émile Zola e Eça de Queirós e poemas de Antero de Quental.



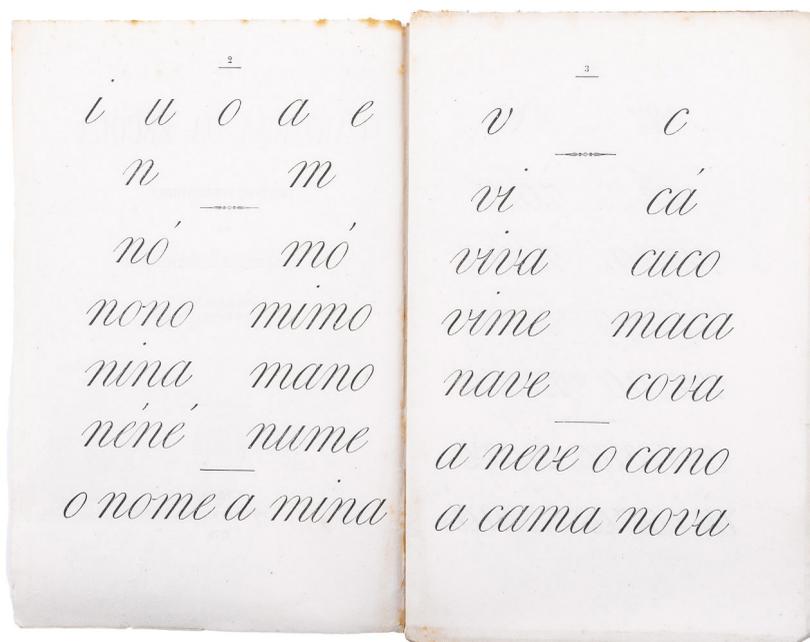
Páginas d'A Imprensa, n.º 19, de julho de 1886. Fotografia de Nuno Silva (INCM). Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Um dos aspetos mais interessantes desta publicação prende-se com o grau de independência da tipografia do Estado em relação ao poder político, apesar da sua já consolidada missão pública. Ou seja, a Imprensa Nacional beneficiava de alguma autonomia editorial que lhe permitiu divulgar o ideário de correntes políticas e sociais emergentes, tomar uma posição crítica em relação à censura, afirmar a imprensa periódica como motor de desenvolvimento e tratar as questões mais prementes relacionadas com o setor das artes gráficas, desde os problemas sociais e laborais até ao desenvolvimento artístico e tecnológico.

Além da imprensa ligada à sua especialidade, a tipografia do Estado chegou também a imprimir outras edições periódicas de relevo, entre boletins e revistas — como a *Revista de Obras Públicas e Minas*, da Associação dos Engenheiros Cívicos Portugueses, que chegou a ser impressa na Imprensa Nacional em 1884-1885 —, alargando ainda a edição no quadro pedagógico — contando-se a impressão de cartilhas e outras obras associadas ao ensino, como as duas partes da *Cartilha Infantil*, de A. Simões Lopes, publicada em 1875 e 1877, *A Cartilha da Escola: Methodo Legographico*, de M. J. Martins Contreiras,

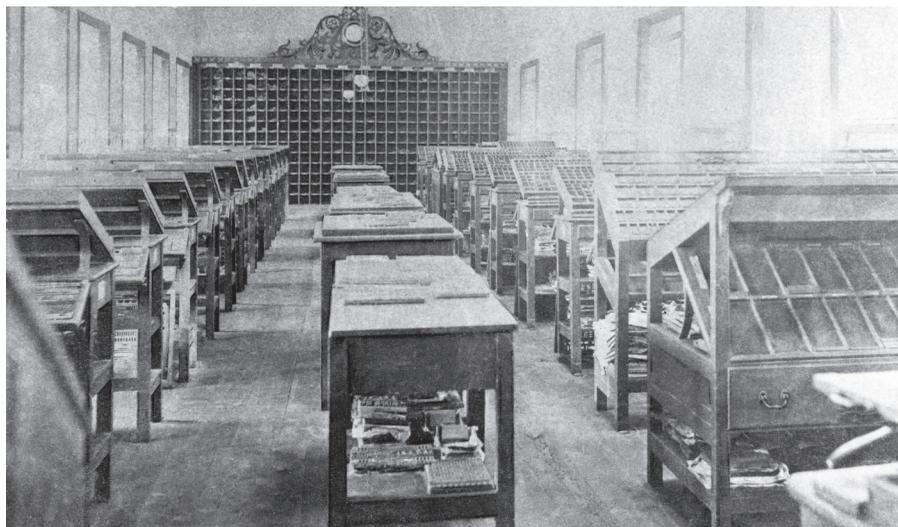
publicada em 1879, o *Ensino da Leitura: Ou Cartilha da Infância*, de João Gomes Vicente Rodrigues, publicada em 1895, e à qual se acrescentou a *Cartilha da Infância: Illustrada com Gravuras Apropriadas ao Ensino de cada Um dos 33 Sons da Língua Portuguesa*, em 1899, além das sucessivas edições da *Cartilha Maternal*, de João de Deus. Aliás, em 1885, chegou à Imprensa um pedido de João de Deus para que algumas das suas obras passassem a ser impressas nas suas oficinas, embora não deixasse de recorrer a outras editoras. A famosa *Cartilha Maternal* conheceu aqui uma edição aumentada, em 1878, e várias outras nos anos seguintes. Foi também publicado pela Imprensa o livro de poesia, *Campo de Flores*, do mesmo autor, além de várias obras por ele traduzidas.

Páginas de *A Cartilha da Escola: Methodo Legographico*, de M. J. Martins Contreiras, publicada em 1879.



Entre os trabalhos de maior fôlego, destacou-se ainda a *Chorographia Geral dos Açores*, de Alberto Teles, iniciada em 1887. A obra, cuja impressão foi financiada pelo Estado, compreende um dicionário corográfico de todo o arquipélago açoriano, contendo mapas das várias divisões administrativas do território, a saber: eclesiástica, administrativa, eleitoral, judicial e militar.

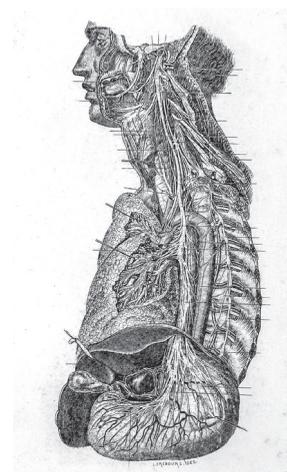
## INOVAÇÃO E ADAPTAÇÃO



Oficina de composição da Imprensa Nacional (início do século xx). Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

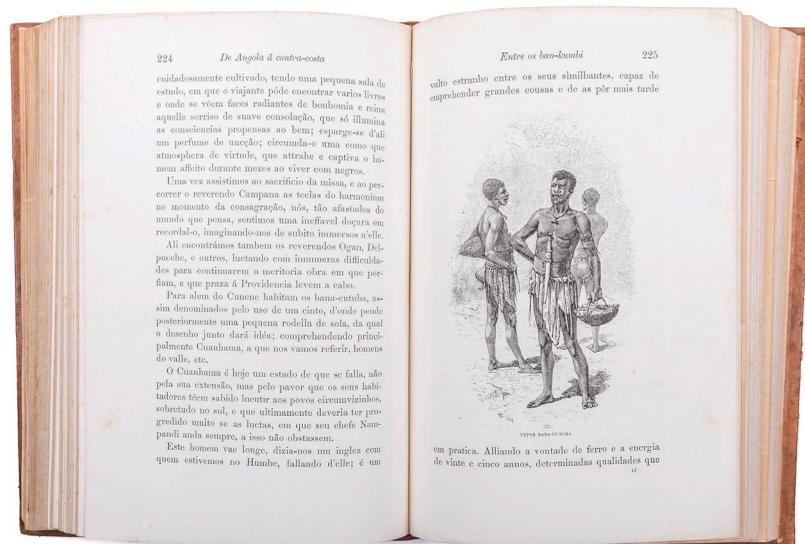
Os anos 1880 foram também marcados por desenvolvimentos importantes nas artes gráficas, como a fotogravura direta, em 1880, e a composição mecânica — com apresentação da primeira máquina *Linotype*, em 1886, e da *Monotype* no ano seguinte. Neste contexto, Venâncio Deslandes procurou estimular e aperfeiçoar alguns ramos da Imprensa Nacional, numa época em que se generalizava o interesse por publicações ilustradas e de grande qualidade, sobretudo nos domínios da zincografia, fotogravura e cromotipia. Para isso, foi contratado o artista francês Guillaumet, a quem caberia ensinar os processos mais modernos da aplicação fotográfica às artes gráficas, como a fotogravura ou a fototipia. Note-se que fotogravura tinha sido introduzida na Imprensa Nacional em 1879, pela integração do material da secção fotográfica da Direção-Geral dos Trabalhos Geodésicos, Topográficos, Hidrográficos e Geológicos do Reino, sendo agora necessário especializar o pessoal nestas novas técnicas.

Entre reorganizações administrativas e preocupações de ordem financeira, a Imprensa continuava a beneficiar da reputação construída nas últimas décadas e a distinguir-se nas exposições internacionais. Na Exposição Industrial de Lisboa, realizada em 1888, apresentou um prelo mecânico modificado pelo impressor Manuel António da Silva e pelo maquinista Januário Carlos Esteves, com apoio do serralheiro Basílio da Costa, preparado para impressões de quatro cores em simultâneo.



Prova de heliogravura (fotogravura) produzida por J. Leibold a partir de um desenho anatómico de Lerebours [s/d]. O processo passa pela transferência de uma imagem fotográfica para uma placa de cobre. Fotografia de Nuno Silva (INCM). Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Ilustração do relatório *De Angola à contra-costa: descrição de uma viagem através do continente africano*, expedição realizada por Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens em 1884. Publicada pela Imprensa Nacional em 1886, num contexto de forte disputa entre as potências europeias pelo continente africano, a edição, largamente ilustrada, enquadra-se no período da chamada «corrida a África», de afirmação do colonialismo português. Fotografia de Nuno Silva (INCM). Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.



A participação na Exposição Universal de Paris de 1889, a convite da Associação Industrial Portuguesa, e onde recebeu o diploma de honra, permitiu divulgar edições de luxo, entre as quais a obra *Ricardo III: Drama Histórico em Cinco Actos*, de William Shakespeare, publicada em 1880, com tradução do rei D. Luís I. Aqui foi também exposta uma máquina com diversas aplicações ao trabalho de fundição, construída com base num modelo de origem alemã e adaptada pelo serralheiro mecânico da Fundição, Carlos Filipe Charbel. Na Exposição Universal de Paris de 1900, recebeu o Grande Prémio e foram concedidas recompensas a alguns artistas cujos trabalhos se distinguiram.

Modelo de diploma de honra atribuído pela comissão executiva da Exposição Industrial Portuguesa, de 1888, produzido pela Imprensa Nacional. Fotografia de Nuno Silva (INCM). Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.



## O MUNDO EM MUDANÇA

De um modo geral, o último quartel do século XIX ficou associado ao abrandamento do processo de modernização da Imprensa Nacional, pelo menos se comparado com o período dourado da administração Marecos. A crise financeira que assolou o país e a concomitante crise da monarquia liberal deixaram os seus reflexos na Imprensa, que se debateu com dívidas crescentes e algumas tensões internas.

Na antecâmara de uma regulamentação mais profunda, a reorganização administrativa da Imprensa Nacional foi decretada em 13 de dezembro de 1897, atendendo ao agravamento da situação crítica em que vivia, sobretudo em termos contabilísticos. O desafio era crónico: equilibrar as contas da Imprensa Nacional com o pagamento de dívidas por trabalhos aí produzidos e que, entre particulares e entidades públicas, se acumulavam ao longo do tempo sem cobrança eficaz.

Alguns anos mais tarde, o Decreto, de 24 de dezembro de 1901, fez publicar finalmente o regulamento geral dos serviços da Imprensa Nacional de Lisboa. Era, na verdade, o primeiro diploma de organização geral de toda a sua atividade: regulou salários e categorias profissionais, reconheceu o direito à reforma ao final de 40 anos de serviço e, não menos importante, organizou a admissão e formação de tipógrafos, artistas e outros operários a integrar os seus quadros.



Modelo de certificado de conclusão da escola de composição tipográfica da Imprensa Nacional [séc. XIX]. Fotografia de Nuno Silva (INCM). Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Com efeito, e apesar de sua já evidente longevidade e da regulação pontual, a Imprensa Nacional não obedecia ainda a um regulamento geral que orientasse o ensino, a arte, a impressão e o trabalho em geral aí produzido.

A par da regularização das competências do administrador geral, dos serviços administrativos, da edição e distribuição do *Diário do Governo*, das obras

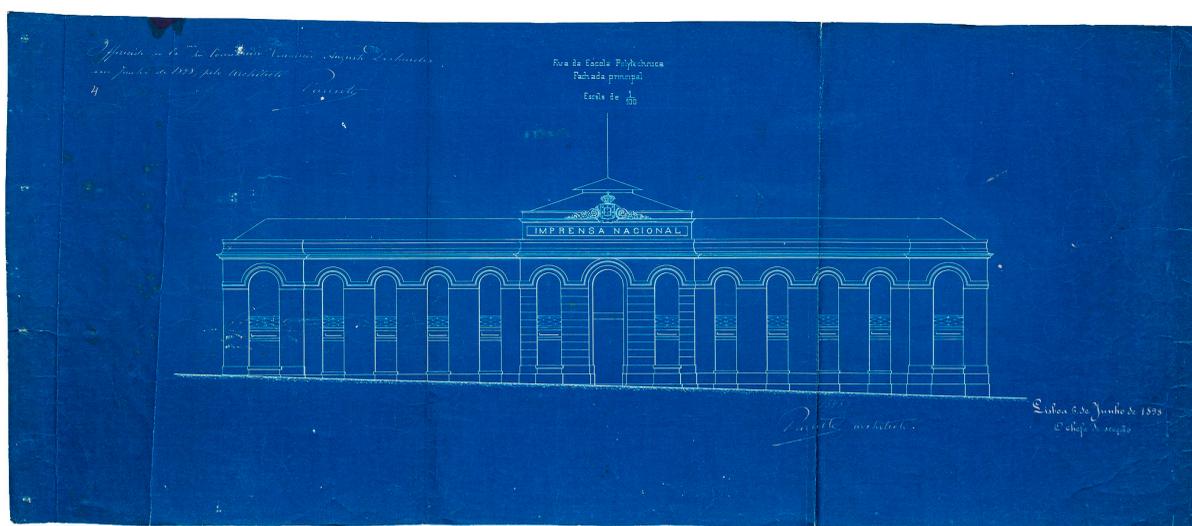
publicadas, da inventariação, da contabilidade e da definição de atribuições do pessoal, o regulamento geral previu a constituição de um conselho técnico destinado a estudar o aperfeiçoamento artístico e técnico da produção. No ensino, que manteve ciclos de quatro anos, foram aplicados critérios de admissão mais rigorosos, exigindo dos candidatos a formação completa na Escola Rodrigues Sampaio e certificados de inglês ou alemão.

## UM MODERNO EDIFÍCIO INDUSTRIAL

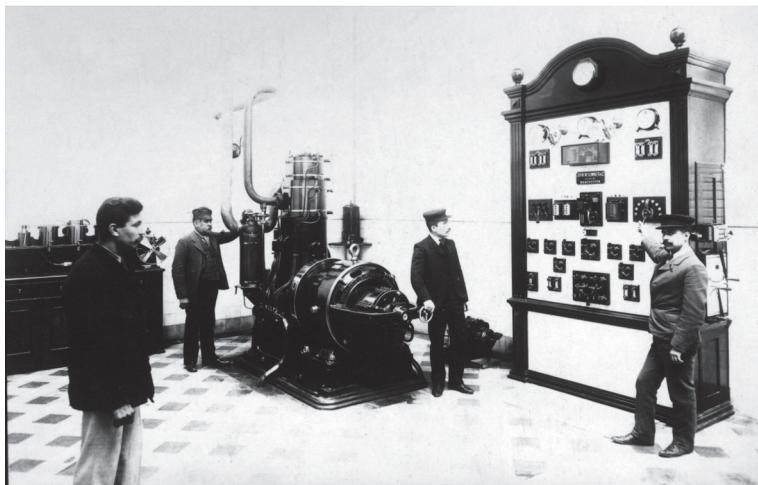
Perante o desenvolvimento tecnológico, o crescimento das oficinas e o consequente aumento de pessoal, o edifício da Imprensa era já claramente desadequado à sua natureza industrial, apesar das várias obras de intervenção e adaptação pelas quais tinha passado. Entre os obstáculos que representavam as velhas instalações, tornava-se impossível a montagem da projetada oficina de brochura e encadernação ou acolher o material da extinta secção fotográfica da Direção-Geral dos Trabalhos Geodésicos que lhe tinha sido confiado. Para mitigar estas dificuldades estruturais, o governo deu ordem de remodelação do antigo Convento das Trinas, no Rato, em parte do qual foram instaladas algumas oficinas e dependências da Imprensa Nacional.

Mas a cedência do ex-convento no Rato servia apenas necessidades temporárias, numa altura em que se impunha a remodelação do velho Palácio de Noronha. Em 1895, iniciaram-se finalmente as obras de demolição da antiga Imprensa Regia para dar lugar ao edifício atual, que ficaria concluído em 1913. A planta original, assinada pelo arquiteto Domingos Parente da Silva, sofreu alterações introduzidas pelos engenheiros Vítor Gomes Encarnação, Veiga da Cunha e António Luís Ramos, que assumiram a construção das diversas alas.

Aspeto da fachada principal no projeto de novo edifício da Imprensa Nacional. 6 de junho de 1898. Fotografia de Nuno Silva (INCM). Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

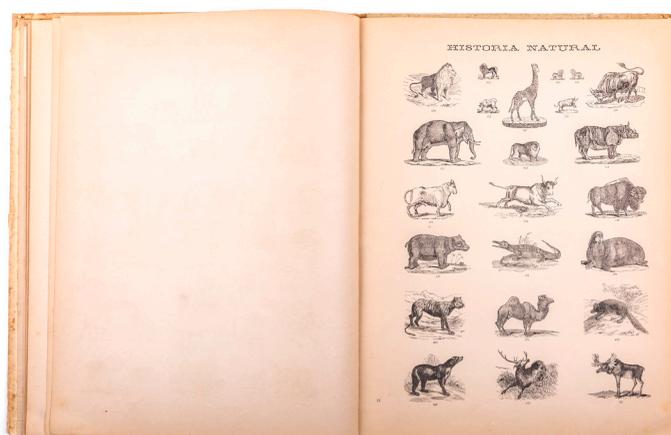


Na Fundição de Tipos, aproveitou-se para substituir por gás o aquecimento dos fornilhos, máquinas e aparelhos de fundir, até aí feito a carvão de pedra. Já em fase adiantada de construção, em novembro de 1903, foi inaugurada a luz elétrica na parte nova do edifício, com especial importância para as Oficinas de Composição e Impressão.



Primeira central elétrica da Imprensa Nacional, instalada no novo edifício [início do século xx]. Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

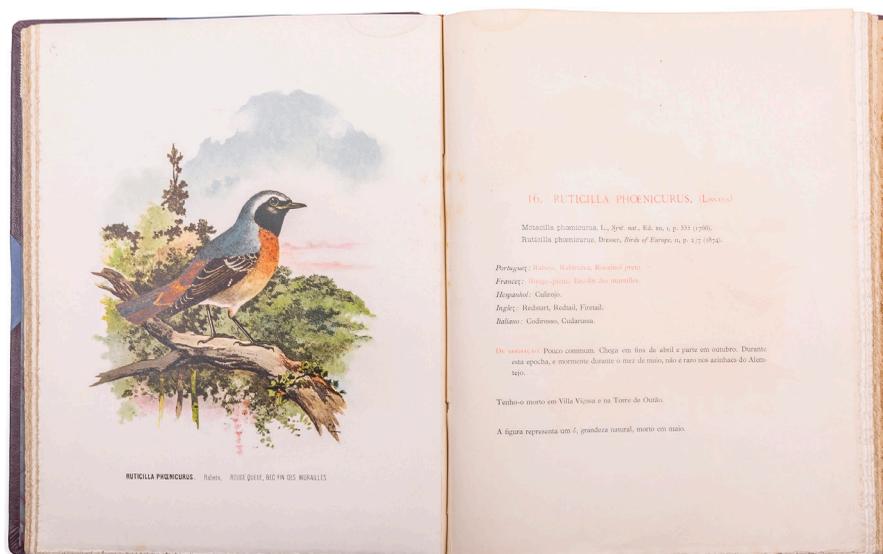
Os últimos anos da monarquia, coincidindo com a fase final da administração Deslandes, foram marcados por uma certa letargia e mesmo por algum retrocesso em relação às últimas décadas do século XIX. No quadro setorial, a Imprensa Nacional foi sendo alvo de críticas — provavelmente decorrentes da reorganização do movimento operário, que colocava em causa o monopólio atribuído à tipografia do Estado. No plano tecnológico, embora sejam limitadas as fontes que o confirmem, a Imprensa parecia envolvida num cenário de atraso, sobretudo na sua Fundição de Tipos. Este panorama de aparente abandono e declínio enquadrava-se, na verdade, num contexto geral de crise das artes gráficas a par do desequilíbrio interno de contas.



Amostra de vinhetas de «História Natural» publicadas no catálogo de *Emblemas e Ornatos* da Imprensa Nacional, de 1895.

Após a morte de Venâncio Deslandes, em 30 de junho de 1909, a administração da Imprensa foi ocupada pelo jornalista e conservador da Biblioteca Nacional, João Costa, que aí permaneceu até outubro do ano seguinte, numa gestão que em pouco terá alterado as condições de trabalho ou produção. Chegava, pouco depois, a República e com ela uma nova perspectiva sobre o papel da Imprensa Nacional.

Páginas do *Catálogo ilustrado das aves de Portugal: sedentárias, de arribação e accidentaes*, dirigido por D. Carlos de Bragança, com ilustrações de Enrique Casanova, que colaborou frequentemente com a Imprensa Nacional. Os dois volumes foram publicados pela primeira vez entre 1903 e 1907. Fotografia de Nuno Silva (INCM). Coleção Imprensa Nacional-Casa da Moeda.



## Datas importantes

1872	Charles Gillot inventa a fotogravura de linha.
1873	Medalha de progresso na Exposição Universal de Viena.
1876	Diploma de honra na Exposição Universal de Filadélfia.
1878	Medalha de ouro na Exposição Universal de Paris. Publicação do suplemento ao Espécime da Fundição de Tipos de 1870.
1879	Medalha de ouro na Exposição Portuguesa do Rio de Janeiro.
10 de junho de 1880	Comemorações do tricentenário da morte de Luís de Camões, com participação no cortejo cívico realizado no dia 10 de junho. O carro simbólico da Imprensa, exibindo a estátua de Gutenberg, é oferecido à Imprensa Nacional por decisão da comissão organizadora das festas.
1883	Incêndio numa das dependências da Escola Politécnica. É combatido pelos artistas e operários da IN, levando mesmo à constituição de uma corporação de bombeiros voluntários da Imprensa Nacional.
1888	Novo catálogo de tipos da oficina de fundição da Imprensa Nacional.
10 de janeiro de 1891	Visita do rei D. Carlos e da rainha D. Amélia.
7 de novembro de 1894	O pessoal artístico e operário entrega ao Parlamento uma representação pelo reconhecimento do direito à reforma.
1895	Inicia-se a demolição do velho edifício da Imprensa Nacional e a construção do edifício atual, que ficaria concluído em 1913.
abril-novembro de 1900	Grande prémio na Exposição Universal de Paris de 1900.
24 de dezembro de 1901	Publicação do regulamento geral da Imprensa Nacional. É criada a caixa de reformas e socorro na doença e introduzido o direito à reforma do pessoal ao fim de 45 anos de serviço.
Novembro de 1903	Inauguração da luz elétrica na parte do novo edifício.
6 de agosto de 1908	A Imprensa Nacional assume a impressão das publicações da Liga Nacional de Instrução e do boletim mensal da Associação das Escolas Móveis pelo método de João de Deus.
Junho de 1910	Entra em funcionamento a oficina de Brochura e Encadernação.

## PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

### I. ARQUIVOS

Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas/Arquivo Nacional da Torre do Tombo:

Ministério da Fazenda/Ministério das Finanças

Ministério do Reino

Imprensa Nacional – Casa da Moeda / Arquivo Histórico da Imprensa Nacional

### 2. DOCUMENTAÇÃO DA ADMINISTRAÇÃO CENTRAL

*Diário da Câmara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa*

*Diário do Governo*

### 3. BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Pedro Tavares de Almeida, SOUSA, Paulo Silveira e, *Do Reino à Administração Interna: História de Um Ministério (1736-2012)*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2015.

BARRETO, José Barreto, «Os tipógrafos e o despontar da contratação colectiva em Portugal (I)», in *Análise Social*, vol. xvii (66), 1981-2.º.

*Catalogue des Produits Exposés, Exposition Universelle et Internationale de Paris en 1889. L'Imprimerie Nationale de Lisbonne*, Lisbonne, Imprimerie Nationale, 1889.

*Esclarecimentos acerca da Imprensa Nacional de Lisboa e dos Productos Que Apresenta na Exposição Internacional Portuguesa de 1865*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1865.

*Notice Abregée de l'Imprimerie Nationale de Lisbonne suivie du Catalogue des produits qu'elle présente dans Exposition Universelle de Paris en 1867 par un employé de cet Institut*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1867.

PACHECO, José, *História Ilustrada das artes gráficas e da imprensa em Portugal*, (4 vols.), Loulé, Sul, Sol e Sal, 2018.

SOUSA, Francisco Ângelo de Almeida Pereira e, *L'Imprimerie Nationale de Lisbonne. Résumé Historique — Organisations Administrative. État présent. Catalogue des produits exposés*, Lisbonne, Imprimerie Nationale, 1878.

*Universal Exhibition of 1862. The National Printing Office and its products. Historical and statistical éclaircissements by an employe in that establishment dedicated to the great international jury (in English and Portuguese)*, Lisbon, National Printing Office, 1862.



N 2510

© N I M P R E N S A  
N A C I O N A L

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.